

O *Século* de 22 daquele mês de Junho dá notícia de que — provavelmente na véspera — o Francisco Fernandes não pudera comparecer na barraca dos Castelos Africanos à hora marcada para uma aposta, a qual, por isso, se não realizára, mas que, ainda assim «e a título de experiência», comera na referida barraca, às cinco horas da tarde, dois coelhos com batatas, quatro pães, seis laranjas, uma terrina de sopa, e, ainda, na barraca «Século 77» uma terrina com sopa para oito pessoas, e bebera seis litros e meio de vinho e cinco cafés.

O *Século* do referido dia 29 publica o retrato do *comilão de Almada*.

*

Mas, que foi o *comilão de Almada* — no seu tempo muito falado, a ponto de a sua memória persistir na linguagem do povo — em comparação com os imperadores romanos Vitélio e Heliogábulo, com o faustoso Luculo e com tantos outros famigerados glutões de que nos fala a História Antiga? Nada absolutamente nada — ou, melhor, um verdadeiro «pisco».

Vejam-se ainda este famoso Gargântuas, cujas proezas gastronómicas Brás Luís de Abreu narra assim no seu *Portugal Médico*, p. 28, § 102: «Fome tão canina experimentou Cambyzes, Rey da Lydia, que em huma noute comeo sua propria Molher. El-Rey Mithridates não só comia, e bebia muyto; mas assinava grandes premios aquem comesse, e bebesse mais do que elle. Ao imperador Maximiliano se apresentou certo homem, que comia hum bezerro, e huma ovelha crua, e ficava faminto.»

Ao pé dêstes, como o *comilão de Almada* fica reduzido e ofuscado! — se aquella de Cambises ter comido a mulher não fôsse patranha ainda mais impossível de engulir.

CXXXI

Ter um T na testa

Ser tolo, parvo, estúpido

Segundo o dic. de Eduardo Faria, o motivo desta locução é ser o T a letra inicial das palavras *tolo* e *tolice* — às quais acrescentarei *tanso*, *tontice* e *tonto*.

Não tenho elementos para apreciar tal opinião, mas ver-

dade é que em França se alude à letra B como inicial de certos termos empregados depreciativamente.

Assim, diz o dic. de Bescherelle: « *Être marqué au b.* Façon de parler pour designer ceux qu'on peut qualifier d'un nom qui commence par un *b*: comme *bâtards*, *bossus*, *bigles*, *boiteux*, *borgnes*, etc. »

M. C. de Méry ⁽¹⁾ escreve: « *Il est marqué au B.* Ce prov. se prend en mauvaise part, et regarde principalement les *boiteux*, les *borgnes*, les *bossus*, dont on dit qu'ils sont marqués au B, parce que les noms qui marquent ces défauts corporels commencent par cette lettre. »

Quanto à ideia que a locução envolve de « marcar alguém com uma letra », é possível que se relacione com a antiga pena de mutilação, que, na sua forma mais suave, consistia na imposição de uma marca indelével, a qual, além do mal físico, trazia também consigo o mal moral do desprezo a que ficava exposto o condenado. Assim, os Romanos marcavam os delinquentes com um R, os Ingleses com um T, e, entre nós, marcavam-se com um L. Esta pena tornando facilmente reconhecível o criminoso, era um dique contra a reincidência ⁽²⁾.

Pelo alvará de 9 de Agosto de 1516, os feiticeiros — além de sofrerem as outras penas da Ordenação — eram ferrados no rosto, em ambas as faces, com um ferro que para isso se fez com a letra F.

O assento de 30 de Abril de 1613 declarou os casos em que aos condenados se devia pôr a marca P ou uma fôrca. Este último sinal fôra já mandado aplicar pelo alvará de 23 de Outubro de 1515 — mas sem letra — aos reus de furto presos na « côrte e cidade de Lisboa » e não condenados a morte natural ou civil.

Suponho que a marca a que alude aquele assento de 1613 já não era impressa no rosto, visto o alvará de 26 de Fevereiro de 1524 ter determinado que « não se ferrasse no rosto nenhum homem. »

As marcas no rosto foram proibidas por Constantino no L. 17, *cod. de poen* ⁽³⁾.

⁽¹⁾ *Histoire générale des proverbes*, Paris, 1828, II, 305.

⁽²⁾ Vid. A. M. Seabra de Albuquerque, *Lições de Direito criminal português*, Coimbra, 1861, p. 113.

⁽³⁾ Vid. Pereira e Sousa, *Classes dos crimes*, Lisboa, 1816, p. 25.